

COULDA, WOULD, SHOULD: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Maira Coutinho Ferreira Giroto
Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa
Faculdade de Ciências de Letras – UNESP Araraquara
(mairacferreira@gmail.com)

RESUMO: O primeiro objetivo deste artigo foi reunir informações sobre o processo de gramaticalização da sequência *would/could/should + have* que originou as partículas modais *woulda, coulda e shoulda*. O segundo objetivo foi ilustrar as diferentes formas correspondentes aos estágios deste processo, através da análise de um corpus de língua inglesa composto pelas legendas e áudio de um episódio da série norte-americana *Sex and the city* (1998-2004). A partir desta análise, fizemos também um breve estudo da expressão idiomática *woulda, coulda, shoulda*. Adotamos como principal pressuposto teórico a concepção de gramaticalização de Bybee (1998).

Palavras-chave: Gramaticalização; *Woulda; Coulda; Shoulda*.

ABSTRACT: The first aim of this paper was to gather information concerning the process of grammaticization of the sequence *would/could/should + have* which originated the modal particles *woulda, coulda and shoulda*. The second aim was to show the different forms corresponding to the different stages of that process, through the analysis of a corpus of English composed by the subtitles and audio from an episode of the North-American TV series *Sex and the City* (1998-2004). Based on that analysis, we also studied briefly the idiomatic expression *woulda, coulda, shoulda*. We adopted, as our main theoretical assumption, Bybee's (1998) concept of grammaticization.

Keywords: Grammaticization; *Woulda; Coulda; Shoulda*

Introdução

Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa teórica e de uma análise de ocorrência em corpus das formas decorrentes do processo de gramaticalização da construção do inglês *would/could/should + have*. Para entender este processo específico, que deu origem às partículas modais *woulda, coulda e shoulda* e à expressão idiomática *woulda, coulda, shoulda*, é necessário primeiramente conhecer o fenômeno linguístico gramaticalização como um todo, seus fatores motivadores, características e desdobramentos.

Gramaticalização

Esta seção sobre gramaticalização teve como referência bibliográfica o trabalho *The evolution of grammar* de Joan Bybee (1998). Segundo a autora, novas teorias da linguagem entendem que a gramática emerge do uso da língua, de modo que o processo de criação da gramática pode ser estudado na história das línguas documentadas e na variação nas línguas faladas atualmente.

Neste processo, chamado gramaticalização, uma construção usada com muita frequência torna-se automatizada como uma unidade de processamento individual que, em um segundo momento, assume uma função mais geral e abstrata. A gramaticalização geralmente ocorre quando itens lexicais se tornam morfemas gramaticais, com mudanças concomitantes na forma fonológica e gramatical e no significado ou função.

É comum o entendimento de que as línguas naturais são constituídas de dois tipos de elementos: um vasto conjunto de itens de vocabulário, o léxico, e um conjunto bastante limitado de unidades e estruturas gramaticais. O léxico contém todos os substantivos, verbos e adjetivos da língua, que geralmente são classes abrangentes e ilimitadas, tanto que todas as línguas têm mecanismos para a formação de palavras novas sempre que necessário. Já as estruturas gramaticais incluem padrões de ordem das palavras nas sentenças, e um conjunto de unidades conhecidas como morfemas gramaticais.

‘Morfema’ é o termo geral para as unidades mínimas da língua que carregam significado. O conjunto dos morfemas lexicais inclui palavras como ‘elefante’ e ‘feliz’, e afixos que atuam na formação de palavras (como ‘in-’ e ‘-dade’ em ‘infeliz’ e ‘felicidade’). Já os morfemas gramaticais são palavras funcionais e afixos que estabelecem a configuração gramatical para a expressão de ideias. É o caso, por exemplo, dos artigos, verbos auxiliares, preposições e sufixos, que têm significados relativamente abstratos, geralmente expressando as relações entre outras expressões linguísticas e governando sua ocorrência nas sentenças.

Pesquisas sobre o desenvolvimento dos morfemas gramaticais ao longo do tempo revelam que a distinção entre léxico e gramática não é tão rígida, uma vez que pelo processo de gramaticalização os itens lexicais usados com muita frequência em determinadas construções tornam-se morfemas gramaticais. É o caso

dos artigos *the* e *a/an* em inglês, que tiveram como origem, respectivamente, o demonstrativo *that* e o numeral *one*. Afixos também podem derivar de palavras, como é o caso de *-ly*, derivado do substantivo *liç* do inglês antigo, que significa ‘*body*’ (corpo): *mann-liç* significava ‘ter o corpo ou aparência de um homem’, enquanto o atual *manly* tem o sentido mais geral ‘ter características de um homem’. Tipos de derivação iguais ou semelhantes a estes são encontrados em várias partes do mundo, em línguas que não são relacionadas geneticamente ou geograficamente.

Ao mesmo tempo em que a gramaticalização é documentada em casos de renovação gramatical de línguas que já possuem uma gramática, ela também é o mecanismo pelo qual línguas constituídas apenas por um vocabulário constroem sua gramática: morfemas e construções gramaticais são desenvolvidos a partir do vocabulário, à medida que são usados em mais contextos e aprendidos pelas crianças como primeira língua.

As construções em processo de gramaticalização são reduzidas foneticamente, com reduções, assimilações e supressões de consoantes e vogais para gerar sequências que necessitam de menos energia para serem produzidas pelo falante. É o caso de *going to*, que se tornou *gonna*. Além disso, os significados específicos e concretos tornam-se mais gerais e mais abstratos, passando a ser apropriados em uma maior variedade de contextos. Por exemplo, a construção *be going to* significava apenas o movimento de um lugar para outro, mas passou a significar intenção e futuro: “(1) *movement: We are going to Windsor to see the King;* (2) *intention: We are going to get married in June;* (3) *future: These trees are going to lose their leaves*”¹ (BYBEE, 1998, p. 2).

A frequência de uso de uma construção que se gramaticaliza aumenta muito, porque os tipos de contextos nos quais ela é possível aumentam. *Be going to*, por exemplo, que antes só podia ser usado em contextos de movimento e em relação a um sujeito volitivo e móvel, passou a ser possível com mais tipos de sujeitos e verbos, e em contextos nos quais não há movimento algum. Todas essas mudanças acontecem gradualmente e são acompanhadas por variações de forma e função, como resultado do uso da língua.

¹ (1) movimento: Nós vamos a Windsor para ver o rei; (2) intenção: Nós vamos casar em junho; (3) futuro: Estas árvores vão perder suas folhas (tradução nossa).

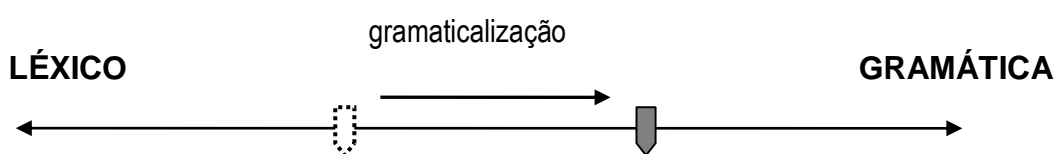
Na língua em uso, sequências ou padrões de unidades linguísticas tornam-se ritualizadas através da repetição, que tem quatro desdobramentos principais: a habituação, a automatização, a redução da forma e a emancipação. Pelo processo de habituação, um organismo deixa de responder no mesmo nível a um estímulo repetido. Uma palavra ou frase usada repetidamente tende a perder muito de sua força semântica (como aconteceu com *fuck* em inglês), o que gera a generalização ou apagamento (*bleaching*) do conteúdo semântico. Unidades linguísticas que são frequentemente usadas em sequência tornam-se automatizadas, ou seja, re-analisadas como um único bloco a ser processado, de modo que as unidades perdem sua forma e seu significado individuais.

A construção repetida tem sua forma reduzida através do enfraquecimento das unidades individuais que a compõem e da reorganização da série de unidades separadas em uma única unidade automatizada. Além disso, construções repetidas podem mudar de função, pelo processo de emancipação, que é a substituição da função instrumental original da construção por uma função simbólica, inferida do contexto de ocorrência. É o caso de *be going to*, cujo sentido deslocou-se de 'movimento' para 'intenção, propósito'. Embora o último tenha se tornado o sentido principal, os dois coexistem no inglês atual.

Em suma, a forma da gramática e sua constante mutabilidade são entendidas como resultado de padrões regulares do uso da língua, que é baseado em princípios da comunicação, norteado pelas necessidades comunicativas dos falantes.

A gramaticalização de *would/could/should + have*

Considerando um continuum entre os domínios lexical e gramatical, a gramaticalização pode ser entendida como a mudança de status de uma expressão linguística: as estruturas que se gramaticalizaram sofreram modificações em seus empregos nos planos semântico, morfológico e sintático, que as aproximaram progressivamente do pólo gramatical do continuum.



Durante essa progressão para um status mais gramatical, a expressão sofre primeiro uma perda de autonomia sintática. É o caso do verbo *have* em inglês, que gramaticalizou-se quando passou a ser usado como verbo auxiliar, o que restringiu seu posicionamento entre o sujeito e o verbo lexical. Na sequência, houve uma perda de substância fônica: como verbos auxiliares, *has* e *have* passaram a ser pronunciados /həz/, /əz/, /z/ e /həv/, /əv/, /v/. A erosão fonológica que atinge alta frequência de uso permite que a gramaticalização continue, gerando uma compactação morfológica: o uso do auxiliar na forma dos clíticos 've e 's, ou como flexão, forma ainda mais gramatical, como em *coulda*, *woulda* e *shoulda* (BORDET, 2009).

A oralidade facilita a aparição das formas reduzidas, mas a rapidez do fluxo da fala não é o único fator determinante das reduções. As realizações de *have* evoluem ao longo de um continuum: forma plena /hæv/ → forma semi-reduzida /həv/ → forma reduzida /əv/ → forma mais reduzida /v/. Segundo Bordet (2009), essa sequência explica a dificuldade de enquadrar certas realizações em uma ou outra categoria, por se situarem em estágios intermediários.

Em *coulda*, *woulda* e *shoulda*, *-a* (/ə/) corresponde a uma forma muito reduzida de *have* que manteve apenas a vogal de sua forma reduzida /əv/. Nos planos gramatical e morfológico, ocorreu uma simplificação da construção constituída por um verbo modal (*could*, *would* ou *should*) seguido pelo infinitivo perfeito (*have* + particípio passado, como *have gone*). Esse fenômeno reflete não apenas a rapidez ou o descuido característicos da oralidade, mas uma tendência geral de redução de aglomerados de consoantes entre palavras adjacentes. Ao contrário do clítico 've, que pode ser adicionado a vários tipos de palavras, o sufixo *-a* liga-se apenas ao modal que o precede, formando uma sequência monomorfêmica.

De acordo com Bloomer (1998), esse tipo de fusão pode ser re-lexificada como uma partícula modal, atuando da mesma forma que *sorta* e *kinda*², para atenuar o significado do verbo que a sucede; e, além disso, a nova forma não sofre apagamento de seu significado e pode ser até mais precisa na expressão de ações pretéritas que não têm relevância no presente. *Would have* ou *woulda* significa 'teria', *could have* ou *coulda* significa 'poderia ter' e *should have* ou *shoulda* significa

² Formas reduzidas de *sort of* e *kind of*, que significam "tipo de".

'deveria ter'. Combinados com um verbo no particípio passado, como *bought*, formam construções do tipo *I should have bought that coat* ('eu devia ter comprado aquele casaco'), geralmente usadas em condicionais ou em referência a eventos que não aconteceram no passado.

A exemplo da sequência de gramaticalização de *have* demonstrada por Bordet (2009), podemos identificar três estágios na formação de *woulda*, *coulda* e *shoulda*:

(1)	(2)	(3)
would have	would've	woulda
/wʊd/ /həv/ ⇨	/'wʊdəv/ ⇨	/'wʊdə/
could have	could've	coulda
/kʊd/ /həv/ ⇨	/kʊdəv/ ⇨	/kʊdə/
should have	should've	shoulda
/ʃʊd/ /həv/ ⇨	/ʃʊdəv/ ⇨	/ʃʊdə/

O terceiro estágio é ilustrado por Safire (1994) com os seguintes exemplos datados: "*Would a went, would have gone*" de 1913, "*I coulda chucked my job, and I woulda*" de 1925 e "*You shouldda seen him*" de 1933. Por fim, precisamos considerar a existência e uso simultâneos das formas menos e mais gramaticais de uma expressão linguística em processo de gramaticalização. Por exemplo, é possível observar o uso tanto de *would have* quanto de *would've* quanto de *woulda* em um mesmo recorte de tempo, porque a passagem para um status mais gramatical é gradual. Além disso, se esse deslocamento implicou na mudança de função ou esvaziamento do significado da forma original, esta pode continuar sendo usada para desempenhar a função original ou para expressar o significado original.

Woulda, coulda, shoulda

Para ilustrar o uso de *woulda*, *coulda* e *shoulda*, utilizamos como corpus as legendas em inglês do episódio *Coulda, Woulda, Shoulda* da série norte-americana *Sex and the city* (1998-2004)³, exibido em agosto de 2001. Selecionamos

³ *Sex and the City* foi produzida pela Paramount, e transmitida pela HBO de seis de junho de 1998 a dois de fevereiro de 2004. Baseada no livro *Sex and the City* de Candace Bushnell (1996), a série abordou de forma predominantemente cômica os relacionamentos amorosos das quatro amigas nova-iorquinas, Carrie (Sarah Jessica Parker), Miranda (Cynthia Nixon), Charlotte (Kristin Davis) e Samantha (Kim Cattrall).

todas as ocorrências das três formas correspondentes aos três estágios do processo de gramaticalização descritos na seção anterior. Consideramos somente as formas afirmativas, excluindo da análise a ocorrência em “*But then I wouldn’t have known you*”. Analisamos também a pronúncia de cada forma, para observar a correspondência entre o som e a forma escrita.

Encontramos três ocorrências da forma verbo modal + *have*:

- (1) I should have been so lucky to get pregnant by mistake.
- (2) I should have told Aidan.
- (3) Maybe I should have told him.

Em (1) e (2) a pronúncia de *should have* foi /ʃʊdə/, e em (3) a pronúncia de *should have* foi /ʃʊdəv/. Encontramos duas ocorrências da forma verbo modal + clítico (*'ve*):

- (4) I could've screwed everything.
- (5) I should've known better.

Em (4) a pronúncia de *could've* foi /kʊdə/ e de acordo com o áudio a personagem usou a forma progressiva *I coulda been screwing (...)*. Em (5) a pronúncia de *should've* foi /ʃʊdəv/. Encontramos quatro ocorrências da forma verbo modal + afixo flexional (*-a*):

- (6) Coulda, shoulda, woulda.
- (7) Coulda, woulda, shoulda!
- (8) When that happens, she has to let go of the “coulda, shoulda, woulda” and just keep going.
- (9) As for me, I shoulda left Miranda’s earlier so I woulda been on time.⁴

Em todas as ocorrências, a pronúncia de *coulda, shoulda e woulda* foi /kʊdə/, /ʃʊdə/ e /'wʊdə/. Em sete das nove ocorrências, a pronúncia da forma de *have* que segue o verbo modal foi /ə/, independentemente de ela ser grafada na legenda como *have, 've* ou *-a*. Podemos concluir então que, na fala, predomina a forma mais reduzida, ou seja, mais gramatical da sequência *would/could/should +*

⁴ (1) Eu devia ter sido tão sortuda de ficar grávida por acidente; (2) Eu devia ter contado para o Aidan; (3) Talvez eu devesse ter contado para o Aidan; (4) Eu podia ter estragado tudo; (5) Eu devia ter sido mais esperta; (6) Podia ter, devia ter, teria; (7) Podia ter, teria, devia ter!; (8) Quando isso acontece, ela tem que desencanar do “podia ter, devia ter, teria” e apenas seguir em frente; (9) Quanto a mim, eu devia ter saído da casa da Miranda mais cedo e então eu teria sido pontual (tradução nossa).

have, que corresponde ao estágio no qual a expressão que sofreu processo de gramaticalização é realizada na forma de afixo flexional. As duas outras ocorrências foram pronunciadas /əv/, que corresponde ao estágio no qual *have* é realizada pelo clítico 've. Em nenhuma das ocorrências a forma oral foi /həv/.

Quanto à morfologia, registrada nas legendas, três das ocorrências foram grafadas na forma plena *would/could/should have*, duas foram grafadas na forma com o clítico *would/could/should've*, e quatro foram gravadas na forma mais gramaticalizada *woulda*, *coulda* e *shoulda*. Em uma primeira análise, poderíamos entender que a morfologia espelhou o que aconteceu na fala. No entanto, em três ocorrências as formas *woulda*, *coulda* e *shoulda* não são acompanhadas de um verbo no particípio passado e aparecem juntas como uma expressão cristalizada. Excluindo tais ocorrências, temos apenas uma com o afixo flexional, duas com o clítico e quatro com a forma plena: proporção inversa à da realização oral. Ou seja, morfologicamente a forma *have* foi privilegiada no corpus observado, a despeito da pronúncia.

Constatamos que a sequência *coulda*, *woulda*, *shoulda* é uma expressão fixa, idiomática, da língua inglesa, funcionando como tal nas ocorrências (6), (7) e (8), e no título do episódio. Segundo Safire (1994), a ordem das três palavras que formam a expressão varia de um usuário para o outro. O autor cita, entre outros, três exemplos datados, respectivamente, de 1978, 1989 e dos anos 90: "*The Pats coulda, shoulda and woulda been ahead of the Cowboys by at least 16-3 at halftime . . . but three field goals were blown*", "*I should have kicked the extra point, but coulda, shoulda, woulda doesn't do it*" e "*There's no excuses. Woulda, shoulda, coulda is not going to cut it*".

A eliminação de letras e sons para produzir contrações como *don't* e *couldn't* é chamada elisão. Para Safire (1994), em *woulda*, *coulda*, *shoulda* há uma elisão tripla, e apesar de cada uma dessas palavras expressar uma ideia diferente, quando consideradas juntas elas transmitem um significado unificado. *Shoulda* denota o que é correto ou obrigatório, *coulda* implica uma possibilidade e *woulda* denota uma certeza condicional: a intenção de ter tomado uma atitude se algo não tivesse acontecido. Juntas, elas significam "*spare me the useless excuses*" ("me poupe das justificativas inúteis"), em outras palavras: "não interessa o que você teria feito, podia ter feito ou devia ter feito, mas sim o que você fez".

É exatamente esse o sentido da expressão no episódio de *Sex and the city* que analisamos. Em (6), Charlotte lamenta não ter ficado grávida por acidente quando era jovem (porque depois de casada não conseguia engravidar), e em (7) Carrie lamenta não ter falado a verdade a Aidan (sobre ter feito um aborto), e Samantha responde “*Coulda, shoulda, woulda*” nas duas situações, querendo dizer que não adianta pensar em atitudes que não foram tomadas, independentemente do motivo.

Em (8), Carrie está refletindo e escrevendo sua coluna para o jornal: “Tantos caminhos, tantos desvios. Tantas escolhas, tantos erros. Enquanto viajamos pela estrada chamada vida, ocasionalmente uma garota estará um pouco perdida. Quando isso acontece, ela tem que desencanar do ‘podia ter, devia ter, teria’ e apenas seguir em frente”. Entendemos que ela quis dizer que não adianta pensar no que não foi feito e sim no que de fato aconteceu e no futuro: o título *Coulda, woulda, shoulda*, reflete exatamente essa ideia, que permeia todo o episódio.

Em resumo, entendemos que o verbo lexical *have* tornou-se um morfema gramatical ao ser usado como verbo auxiliar. Nessa nova função, passou a ser usado com maior frequência e em um maior número de contextos (e não apenas quando a ideia de posse estava presente), entre eles na construção *would/could/should + have* que precede o particípio passado em condicionais. Esta construção sofreu redução fonológica, com a passagem da pronúncia /həv/ para /ə/, e morfológica: *have* ligou-se ao verbo modal que o precedia primeiro como clítico (’ve) e em seguida como afixo flexional (-a).

No plano semântico, *have* passou a ter um significado mais funcional quando tornou-se verbo auxiliar. Na forma de afixo, sofreu apagamento de seu significado, que fundiu-se ao significado do verbo modal, gerando um significado único para a partícula modal. Já as funções de atenuação das três partículas modais *woulda, coulda* e *shoulda* foram substituídas por uma única função simbólica após a reorganização dessas três expressões em uma só construção.

Considerações finais

Através do processo de gramaticalização, uma expressão linguística perde seu status lexical ou parte dele e adquire status gramatical, passando a ter um significado mais abstrato, mais geral ou funcional dentro do sistema linguístico. Uma

das razões para esse fenômeno é a constante necessidade humana de criar e recriar a língua segundo suas necessidades criativas e comunicativas, daí o pressuposto de que a gramaticalização tem início do discurso oral.

Neste trabalho, analisamos o percurso percorrido pela construção *would/could/should + have* até tornar-se *woulda/coulda/shoulda*. Durante este deslocamento ao longo do continuum entre léxico e gramática, *have* passou de verbo lexical a verbo auxiliar (palavra gramatical), clítico e afixo flexional. Este fenômeno pôde ser observado no corpus constituído pelas legendas do episódio *Coulda, woulda, shoulda* da série *Sex and the city*, que contém as três formas correspondentes aos três estágios do processo de gramaticalização que originou as novas partículas modais.

Além disso, identificamos uma construção automatizada constituída por estas três partículas, que adquiriu um significado e uma função próprios: *woulda, coulda shoulda*. Ou seja, os significados das partículas geradas pelo processo de gramaticalização se fundiram na construção de um significado único, mais abstrato.

Referências

BLOOMER, R. **You shoulda saw me**: on the syntactic contexts of nonstandard past participle in spoken American English. *American Speech*, vol. 73, n. 2, 1998. p. 221-224. p. 33-47.

BORDET. L. Le degré de grammaticalisation de HAVE: application d'une méthodologie développée par Joan Bybee et William Pagliuca. **Lexis Special 1: Lexicology & Phonology / Lexicologie et phonologie**, 2009.

BUSHNELL, Candance. **Sex and the city**. Atlantic Monthly Press: New York, 1996. 228 p.

BYBEE, J. The evolution of grammar. In: **Darwinian perspectives on the origins of language (Symposium)**. Philadelphia: AAAS, 1998.

SAFIRE, W. On language: shoulda-coulda-woulda. In: **Magazine/The New York Times**. Maio de 1994. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/1994/05/15/magazine/on-language-shoulda-coulda-woulda.html#> > Acesso em: 02 dez. 2009.

SEX AND THE CITY: **as seis temporadas completas**. Produção: Darren Star. Intérpretes: Sarah Jessica Parker; Kristin Davis; Cynthia Nixon; Kim Cattrall. Nova York: HBO, c1998. 18 DVDs, color. Produzido por Paramount.